Correio da AESE
PANORAMA
9.jun.2021
N.779
AESE BUSINESS SCHOOL
www.aese.pt

Índice

Intelectuais perante a crise 1
Passaportes covid: solução ou problema? 2
"El secreto del hijo" 3
"Nomadland" 4

Intelectuais perante a crise

Embora não seja fácil analisar com calma o momento que vivemos, desde o início da pandemia, intelectuais e pensadores tentaram trazer um pouco de luz à crise.

Numa extensa entrevista ao "Le Monde" (19.4.2020), Edgar Morin comentava que as incertezas que provocou a crise "constituem uma oportunidade para compreender que a ciência não consiste em verdades absolutas, mas que as suas teorias são biodegradáveis à medida que se realizam novas descobertas". O coronavírus pode servir como cura de humildade, tanto frente à compulsão do consumo, como aos sonhos pós-humanos, ao revelar que "embora possamos atrasar a morte por envelhecimento, nunca poderemos eliminar os acidentes que podem acabar com o nosso corpo, nem livrarmo-nos das bactérias e dos vírus".

Como outros, também Morin admite que a experiência do confinamento talvez contribua para modificar as atitudes sobre a vida, dando lugar a uma existência mais saudável, tanto económica como ecologicamente. De um ponto de vista existencial, portanto, pode levar "a questionar a nossa forma de vida, as nossas necessidades reais, as nossas verdadeiras aspirações (…) Deveria ajudar a abrir as nossas mentes, durante muito tempo preocupadas com o imediato, o secundário e o frívolo, ao essencial, como o amor e a amizade".

Por seu lado, Yuval Noah Harari avisou no "Financial Times" (20.3.2020) um vago "nada será como dantes". E indicou: "Nesta altura, enfrentamos duas decisões especialmente importantes. Primeira, temos de escolher entre a vigilância totalitária e dar mais poderes aos cidadãos. Segunda, entre o isolamento nacionalista e a solidariedade global".

Mais confiante no futuro se mostra o sociólogo Alain Touraine, considerando que "nos encontramos num novo tipo de sociedade: uma sociedade de serviços, como diziam os economistas, mas de serviços entre humanos. Esta crise irá promover a categoria dos cuidadores: não podem continuar a ser mal pagos".

Mas não parece realista pensar, como Harari, que tudo vai mudar, explica Stephen Davies, do Institute of Economic Affairs, na *web* do Social Trends Institute. "Aquilo que a história ensina é que as epidemias importantes podem ter consequências relevantes, mas também que não são independentes da situação anterior". Normalmente, as crises não levam a mudar o mundo radicalmente, mas impulsionam tendências já existentes.

Todavia, diversamente de outras pandemias anteriores, o impacto da atual pode ser superior, tanto cultural como psicologicamente, pois está a ser vivida "como uma experiência partilhada", graças às novas possibilidades de comunicação.

Além das consequências políticas apontadas por outros pensadores, Davies defende que a pandemia terá dois efeitos culturais importantes. Por um lado, servirá para "nos afastar do individualismo, aproximando-nos de formas culturais mais comunitárias".

"A outra consequência é paradoxal. Por um lado, produzirá um regresso da seriedade e um repentino afastamento da frivoli-

dade e da autocomplacência intelectual (uma tendência que já tem vindo a processar-se há algum tempo). Simultaneamente, também voltará o hedonismo ao dia-a-dia. Sendo a natureza humana como é, os dois fenómenos podem manifestar-se numa mesma pessoa".

Para Pierre Manent, a pandemia constitui tanto o final da "fantasia europeia" como da globalização. É necessário recuperar o quadro nacional da democracia para evitar a degeneração moral e política do liberalismo, defende numa entrevista ao "Le Figaro" (23.4.2020). Mas, sobre a situação atual, o que receia é que se reforce o poder do Estado.

"Entregámo-nos ao poder do Estado há já muito tempo, mas esta tendência agudizou-se nos últimos anos. A espontaneidade do discurso público é objeto de uma espécie de censura prévia, que exclui do debate as questões mais importantes da nossa vida em comum, e mesmo das nossas vidas pessoais, como a imigração ou as relações sexuais".

Numa entrevista ao mesmo jornal francês (11.4.2020), Rémi Brague refere que a situação criada pelo coronavírus quebrou a primazia da economia, fazendo adiar a busca do lucro para atender os mais vulneráveis. Também revelou a ambivalência do homem perante a morte. Por um lado, o ser humano enfrenta-a e emprega todos os recursos ao seu alcance para a contrariar; por outro, no entanto, encara-a como algo supremo, diferente de qualquer outra experiência.

Neste sentido, explica como os numerosos falecimentos quebram um dos ritos básicos da cultura humana: os funerais. Contudo, a onda de solidariedade evidencia que as sociedades ocidentais ainda se encontram impregnadas de valores religiosos: "Acreditar que se deve ajudar as vítimas, independentemente de quem sejam e, especialmente, sem ter em conta a religião que professem, o seu lugar na sociedade ou a sua idade, isto é, simplesmente porque essas pessoas são o meu 'próximo', é uma crença de origem cristã".

Tanto Brague como Fabrice Hadjadj recomendam enfrentar a crise com esperança, não com otimismo, dizem. A esperança, refere Hadjadj ao "Le Figaro" (9.4.2020), é a outra face do grito, a manhã esplendorosa que nasce após os pesadelos.

Hadjadj, mestre do paradoxo, sublinha a ironia resultante de uma sociedade digitalizada, que só parecia temer os vírus informáticos, se ver ameaçada por um minúsculo micróbio. Não manifesta esta crise as excessivas expectativas que o homem havia depositado no seu próprio poder? Assim, escreve num artigo em "La Vie" (6.4.2020), a tragédia faz recordar ao homem a sua condição de criatura e obriga-o a abordar as perguntas fundamentais da vida. "O que fica, depois de tudo?", interroga-se Hadjajd. Responde: "A caridade desnuda. A dos cuidadores e a dos doentes, a dos moribundos e dos vivos, mais vivos do que nunca, porque estiveram próximo do abismo".

J. C.

Passaportes covid: solução ou problema?

O Parlamento Europeu decidiu dar seguimento com urgência à proposta da Comissão Europeia de criar um certificado digital verde para facilitar a circulação livre e segura dos cidadãos dentro da UE enquanto continuar a pandemia da covid-19. Este certificado consiste numa acreditação digital de que uma pessoa tem um risco muito baixo de infetar outras, porque ou foi vacinada contra a covid-19, ou conta com um teste negativo recente, ou recuperou da covid-19 nos últimos 180 dias.

As vantagens desta medida são óbvias. Facilitará a livre circulação das pessoas, evitando os principais obstáculos que agora existem, como as quarentenas impostas por alguns países da UE. Isso contribuirá para reativar muitos setores da economia, de modo destacado o turismo, que em países como Espanha ou Portugal, por exemplo, é transcendente para a recuperação da economia e dos postos de trabalho.

Infelizmente, esta medida não está isenta de riscos. Com o passaporte digital, a nossa liberdade de circulação estará a ser limitada pela nossa condição de saúde: se estivermos vacinados ou tivermos ultrapassado a covid-19 nos últimos seis meses, poderemos viajar sem problemas. Se não for o caso, teremos de fazer tantos testes como as viagens que queiramos realizar.

Esta medida, adotada com um caráter temporário e excecional, pode ter justificação, mas o risco de se prolongar mais tempo do que o necessário e, sobretudo, de nos levar a pensar que o conhecimento de certos dados de saúde podem justificar uma maior ou menor fruição dos direitos, é muito grave. Medidas deste tipo poderiam tender a manter-se, ou até estender-se a outros âmbitos, porque se enraizou o medo de nos relacionarmos fisicamente com os outros e querermos que se mantenha tudo o que nos proporcione uma segurança real ou percecionada.

Sendo o passaporte verde digital ativado em junho, é certo que muitos cidadãos da UE não terão tido ainda a oportunidade de se vacinarem. Daí resultará que muitas pessoas irão deparar com uma maior dificuldade no exercício dos seus direitos somente por terem aguardado civicamente a sua vez de receberem a vacina. As pessoas que não tiveram prioridade na administração de vacinas, verão dificultada a sua livre circulação. Entre estas pessoas estarão os jovens, que serão os últimos a ser vacinados. Ativar o passaporte imunitário antecipadamente ao acesso universal à vacina convidará muita gente, que se sentirá com razão duplamente prejudicada, a considerar opções nada convenientes: contagiar-se para obter a imunidade, comprar a vacina no mercado negro, ignorar a fila de espera, ou falsificar o certificado.

Sem chegar a criar cidadãos de diversas categorias, o certificado verde digital dará cobertura a uma certa desigualdade na fruição dos direitos. Além disso, não se deve perder de vista

que a pessoa que não disponha desse passaporte também se vê exposta ao estigma social.

Embora o certificado esteja pensado inicialmente para que as pessoas possam movimentar-se livremente dentro do território da UE, não se deve esquecer o uso que cada país poderá dar-lhe. Alguns Estados membros planeiam franquear o acesso a determinados espaços a quem disponha do ansiado passaporte. Mas não é a mesma coisa exigir o certificado imunitário para assistir a um concerto, visitar um museu ou entrar num café, ou exigi-lo para ir à escola, ao centro de saúde, ao supermercado, ao cabeleireiro ou à praia.

O risco do passaporte imunitário dar lugar a discriminação no âmbito laboral é particularmente grave e não improvável. Por um lado, parece lógico que uma pessoa que cuida de outras acredite estar imunizada. Mas, por outro, não é aceitável que um empregador exija por defeito o certificado, de modo que quem careça dele, ou não terá opção de ser contratado, ou poderá perder o seu trabalho. Trata-se de práticas que não contam com cobertura legal, mas não é absurdo pensar em que venham a proliferar quando for ativado o passaporte imunitário.

Para assegurar que o passaporte não venha a dar lugar a práticas discriminatórias, deveria cumprir pelo menos, os seguintes requisitos: que se limite a revelar que o seu titular não é contagioso (não o modo como conseguiu alcançar a imunidade); que se estabeleçam garantias para evitar toda a forma de discriminação laboral e, embora seja muito mais difícil, evitar também a estigmatização social; que a medida tenha uma aplicação temporária, limitada ao tempo imprescindível de transição até ser alcançada a imunidade de grupo; e que se supervisione periodicamente o seu funcionamento para adotar, se vier a ser necessário, medidas que evitem efeitos colaterais indesejados. Algumas delas são contempladas na iniciativa europeia.

Em todo o caso, convém recordar que o passaporte imunitário não nos proporciona uma total segurança. Sabemos que as vacinas são seguras e eficazes, mas ainda desconhecemos aspetos importantes sobre a sua eficácia. Embora seja muito menos provável, uma pessoa vacinada ainda pode ser infetada e, consequentemente, infetar outros, mesmo que com um impacto previsivelmente menor.

Concluindo, o passaporte imunitário em si mesmo não tem necessariamente de ser mau, podendo até ter importantes vantagens nos planos pessoal, social e económico. Mas existem tantos riscos de não ser aplicado adequadamente, que há lugar para uma dúvida razoável sobre a conveniência da sua entrada em vigor. O único modo de escapar da pandemia é alcançar a imunidade de grupo e, para isso, é fundamental vacinar quanto antes 70 % da população.

Manter as medidas de proteção que nos afetam a todos tem inconvenientes significativos, mas também três vantagens sobre o passaporte imunitário: primeira, como a todos nós nos incomodam por igual, será muito mais provável que as mantenhamos somente pelo tempo estritamente necessário; segunda, a solidariedade que mostram os que estão esperando pacientemente a sua vez para se vacinarem, podem exercê-la os vacinados em relação aos que ainda não o estão, sujeitando-se a medidas que para eles não são necessárias, mas sim para todos os outros; e terceira, mantém toda a pressão sobre a UE e os governos nacionais para que administrem a vacina a toda a população quanto antes. Dito isto, não se pode desconhecer que a imposição de restrições à mobilidade dos que não constituem uma ameaça para a saúde pública tem difícil cobertura legal.

Este Certificado Digital Covid-19 acabou por ser aprovado em maio deste ano, pelo que os europeus vão poder viajar por toda a União Europeia**:** este "passaporte" vai comprovar a vacinação, testagem ou recuperação da Covid-19 dos passageiros, sendo considerado um elemento-chave para a recuperação do setor do turismo na Europa.

V.B.C.

"El secreto del hijo"

"Il segreto del figlio"

Autor: Massimo Recalcati
Anagrama. Barcelona (2020)
136 págs.

Desde "Il complesso di Telemaco" (2013) e "Le mani della madre" (2015), em que analisa as figuras paterna e materna, respetivamente, o reputado psicanalista italiano Massimo Recalcati tem vindo a propor um novo modelo de relações pais-filhos que substitua a verticalidade tradicional sem cair numa horizontalidade pretensamente progressista do filho mimado e dos pais convertidos em "sindicalistas dos seus filhos". Este breve ensaio vem completar uma espécie de trilogia.

Recalcati parte da ideia de que "a vida humana vem sempre ao mundo como vida do filho" e que ser filho significa ser gerado por outro: esta é uma verdade, reconhece, que a psicanálise herda do cristianismo. Assim, a vida do filho, sendo uma vida própria, separada, que guarda o seu próprio segredo, não pode escolher a sua origem, pois o filho é sempre herdeiro que deve recomeçar a sua vida. A partir daqui, o autor contrapõe duas visões muito diferentes das relações pais-filhos, como são as que apresentam o mito de Édipo e a parábola evangélica do filho pródigo.

Na primeira, é o filho que, como os escravos-mensageiros de que falava Jacques Lacan, com a mensagem inscrita nas nucas rasuradas para não poder lê-la, não sabe quem é, mas segue a lei inexorável do destino. Converte-o, sendo inocente, em culpado de parricídio e incesto, atuando por sentença que não pode ler, mas que dirige a sua vida e que molda um segredo que não poderá revelar. O filho Édipo não é dono dos seus atos, e atua sem saber o significado das suas ações. O autoritarismo paterno anula o filho, que arranca os próprios olhos.

A relação pais-filhos dá uma volta com a história do "filho recuperado". A herança paterna já não está marcada na nuca, pois é o filho que a reclama, quem reclama a sua liberdade, para o autor, traço fundamental da adolescência: a necessidade de sair do núcleo familiar, até, a rejeição da filiação. O filho leva consigo o seu segredo, inacessível para o pai e inicia, como Édipo, a sua "errância" pelo mundo. O pai do filho pródigo está disposto a renunciar ao filho, permitir a sua saída, por saber que a lei serve a vida, não a vida a lei. Mas espera-o de braços abertos, o que dá lugar ao encontro, à conversão e o filho pródigo converte-se no filho recuperado. Porque o pai substituiu a lei do destino pela lei do amor e o autoritarismo pelo perdão.

Mas essa superação da lei pelo amor foi mal interpretada: para muitos filhos da hipermodernidade, a lei carece de valor. "A libertação do sentimento de culpa, que o nosso tempo celebra como emancipação legítima, corre o risco de eliminar todo o sentimento de responsabilidade". É o que se passa com os filhos mimados dos nossos dias, autênticos órfãos de pais vivos.

Recalcati fica com a parábola do filho recuperado, onde o pai respeita e aceita o segredo do filho até ao limite. É o modo do filho aceder a uma nova responsabilidade e a uma nova forma de vida. O maior presente do amor do pai, conclui o autor, é o de deixar o filho empreender a sua viagem, o de deixar o segredo do filho ao seu próprio filho.

P. G.

"Nomadland"

"Nomadland"

Realizadora: Chloé Zhao
Atores: Frances McDormand; Linda May
Duração: 110 m
Ano: 2020

O vencedor dos principais Óscares deste ano foca uma questão muito atual: a perda de emprego. Com efeito, o filme arranca com uma mulher a ser despedida. Uma situação crua e dura de desemprego. Ficar sem trabalho tem um impacto direto no rumo da vida de qualquer pessoa e esta história narra um desses exemplos.

Perante uma situação de crise, é necessário tomar uma atitude. Se por um lado, é uma oportunidade, por outro lado, é também sempre um risco. E começa assim um percurso de vida, que exige "pôr-se a caminho", dar um primeiro passo, sair da inatividade… Neste caso, a mulher em causa vai partir numa carrinha pela estrada fora… mas não parte "à aventura"… parte em busca de algo, tendo uma certeza: os outros importam. Esta é uma convicção muito atual, numa altura em que tantas tecnologias acabam por isolar as pessoas. De facto, tal como ilustra bem o filme, só parando para estar, escutar e interagir com os outros, é que se é inspirado, desafiado e interpelado a sair de si próprio e a dar o melhor de si. A confiança cultiva-se, cresce e potencia-se através dos "outros". Um travão na vida pode ajudar a redescobrir o sentido da realização pessoal, ao permitir contemplar os horizontes que vão surgindo…

Tópicos de análise:

1. O individualismo impede qualquer projeto e iniciativa.
2. A atenção ao que nos rodeia é a real fonte de inspiração.
3. O percurso de cada um deve começar por sair de si mesmo.

Hiperligação

Paulo Miguel Martins
Professor da AESE

"EXTRAORDINÁRIO, NOMADLAND PODERÁ SALVAR A SUA VIDA"
★★★★★
★★★★★ ★★★★★
VENCEDOR
VENCEDOR
FRANCES McDORMAND
NOMADLAND
SOBREVIVER NA AMÉRICA
UM FILME DE CHLOÉ ZHAO